

UMA APRECIÇÃO PÓS-MODERNA NA OBRA DE JOÃO GILBERTO NOLL

JULIANA BRAGA GUEDES - Mestranda em Literatura Comparada pela
Universidade Federal do Ceará (UFC).

A escritura de Noll na obra *Canoas e Marolas* atravessa a narratividade através de uma meteorologia cósmica e a procura incessante de um tempo perdido na (re)lembração de um passado *não-vivido* ou reinventado, em um retorno, na perspectiva de uma organização futurística.

O autor utiliza o foco narrativo em primeira pessoa, justamente para emaranhar a trama dos acontecimentos e as sensações vividas pela personagem João das Águas. A ideia de cotidiano o faz levantar questionamentos no reconhecimento de um passado flutuante, sem demonstrações de lamentações ou remorsos – como se fosse um esquecimento de si mesmo e aproveitamento da (con)vivência momentânea de carência paterna. O desejo de João em reencontrar a filha, que ainda não conhecia, deixava-o em uma confusão nas incertezas do tempo, plasticamente, vaporoso, como uma cortina fosca. Até que as memórias da infância advinham em uma conexão com a recordação de sons. A ilha, espaço inicial e contínuo da obra, deixava o protagonista em um estado de inércia e na observação do passar do dia com ociosidade. As dúvidas levantadas por ele próprio em seu alheamento eram voltadas para um monólogo interior de perguntas e respostas sem fim.

A pasmeira, o cansaço e a preguiça compreendiam o entorpecimento da personagem a uma necessidade de perda da memória contínua com o objetivo de prosseguir com a própria vida mais adiante. As imagens cambiantes nas descrições e pensares desse *narrador-protagonista* formulavam

uma instabilidade na intersubjetividade atrapalhada de um ser paralisado pela dúvida e constatação, lado a lado.

Essa ausência de definição das imagens ante a indeterminação da existência do ser, a relatividade de um tempo *não-solucionado* e questionado por dúvidas sem buscar respostas satisfatórias, a vivência em espaços temporários, o isolamento de preocupações rotineiras, a liberdade expansiva de apenas sentir a vida, sem contestá-la em nenhum momento e a morte sem dogmas religiosos com novas adaptações fazem de *Canoas e Marolas* um reduto de traços pós-modernos, que aprimoram uma nova abordagem na releitura das obras literárias contemporâneas.

O subjetivismo do narrador circunda por uma suspensão coloquial da linguagem. A obra provoca uma imaginação repleta de sensações inebriantes. Um estar aqui e acolá, um aquém-além sem distinção espacial e temporal. João das Águas expressa a permanência de um tempo que sempre está por vir e a conscientização de que sabia trabalhar cada vez menos com a memória. Muitas vezes, ele contempla a vida alheia para consultar, no intervalo das observações apontadas, uma explicação ante a ociosidade do tempo. A ideia de forasteiro fornecia-lhe um alibi à manutenção da própria inação e da prática do *nadismo*¹.

O nomadismo também faz do narrador-protagonista um ser irresoluto, principalmente, no momento do encontro com a sua filha, até então desconhecida. Ele resiste em acreditar nessa veracidade e se questionando sobre a real paternidade. Antes de tudo, João realiza uma sondagem das informações passadas por sua memória. A filha é médica e o direciona para um programa psiquiátrico o qual é co-autora e se intitula *Ablação da Mente*. A figura paterna doravante se torna um objeto de laboratório.

O tempo em *canoas e marolas*

O narrador-protagonista de *Canoas e Marolas* está, constantemente, voltando no tempo, recua entre delírios oníricos, talvez para suportar o arrefecimento causado no presente de seu cotidiano. O pecado da *Preguiça* – que leva o subtítulo da obra – torna a personagem um eterno *perambulador* na desagregada vida que leva. Durante a sua participação no programa medicinal da filha o mesmo se refugia no sono para manter o desapego ao mundo circundante. Na desconfiança de tudo, João conseguia uma permanência no alheamento do mundo – usava uma espécie de desatenção ou se focava noutra atenção *não-comum* e difícil de detalharmos, quem sabe, enganava-se por meio de um suposto autismo.

Na incerteza de se perpetuar como mais um desconhecido, sem história e memórias de família, João das Águas sempre retomava a questões universais, dúvidas ou perguntas sofistas, tais

¹ Ou seja, o do fazer nada.

como: “O que é positivo?” (p. 63), “O que seria a preguiça?” (p. 73), entre outras. A postura cética levantava possibilidades de respostas, dicas e (in)soluções na direção de acalantar a própria inquietude. Às vezes, nem chega a formular uma resolução concreta, mas sim confunde ainda mais ante refletidas indagações. A vida da personagem era como as marolas do rio da ilha, uma passagem sem destino ou um navio sem porto.

Essa cisão no tempo construída pela enunciação e enunciado deixa a personagem desdobrada em uma virtualidade, no sentido de que o fora se torna uma interioridade. Segundo Pelbart (2007) enquanto um fora é dobrado, um dentro lhe é coextensivo, como memória, vida, duração. Deleuze (1997) pensou o fora como última espacialidade mais profunda que o tempo. O tempo como dobra do fora. O fora se duplicando de um dentro coextensivo. Segundo Blanchot (1987), a literatura não diz que sabe alguma coisa, mas que sabe *de* alguma coisa; ou melhor, que ela sabe algo das coisas – que sabe muito sobre os homens. Para Barthes (1973) a indeterminação de oferecer uma linear estilística de escritura autoral faz da literatura algo fugidio. Assim como, a areia da praia entre os dedos da mão ou a diferença ínfima que um milésimo de segundo está na contagem de um relógio de pulso. Blanchot assevera “a literatura vai em direção dela mesma, de sua essência, que é o desaparecimento” (s/p). O movimento do fora é muito cara a esses três críticos: Barthes, Blanchot e Deleuze.

O fora como interioridade transforma o pensar da subjetividade de João das Águas, que ao mesmo tempo é cisão e dobra. O *tempo no fora* sob a condição de dobra. Quando a personagem percebe que se aproxima da própria morte no momento de sua travessia no rio para um hospital acontece algo incomum: ele se compraz com o seu estado de inércia. Portanto, através do gozo *do fora* dos efeitos da doença, ele se impulsiona a sair daquela situação mórbida, ou seja, da aceitação da enfermidade. A resistência na *dobra* da personagem é condicionada por um papel de paciente *não-doente*. Aqui, o *tempo no fora* se torna sujeito.

Por fim, o personagem se liberta desse vazio na dobra do tempo com a presença da filha e do neto recém-nascido. Como também, busca um eu submerso longe das dúvidas existenciais. Doravante o sonambulismo aparece como energia e substituto de sua preguiça. Ele ao perceber essa condição sai em uma viagem sem destino e acaba encontrando um lar *aespacial*, no qual se ocupa em atividades, como a pesca e o canto, e concomitante está em um ônibus onírico com passageiros de raça indígena. No desfecho se reconhece uma paralisia corpórea e de alma, como também, João acaba se comparando a uma pedra. A temporalidade crônica, não mais cronológica, do narrador em constante devir, que se esquiva do presente, transporta a protagonista para um enlouquecimento de *contrariação*. O traço esquizofrênico da pós-modernidade este no mergulho desse presente o qual é subvertido no devir e na extensão variável do passado e do futuro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTHES, Roland. **La plaisir du texte**. Paris: Éditions du Seuil, 1973.

BLANCHOT, Maurice. **O espaço literário**. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica**. São Paulo: Editora 34, 1997.

MOISÈS, Leila Perrone. **Altas literaturas: escolha e valor na obra crítica de escritores modernos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

NOLL, João Gilberto. **Canoas e Marolas**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.

PELBART, Peter Pál. **O Tempo Não-Reconciliado**. São Paulo: Perspectiva, 2007.